

Universidade de Aveiro

Departamento de Línguas e Culturas - Mestrado em LLC -
Estudos Portugueses

A Questão da Identidade na Cultura Portuguesa

Viriato: Mito e Quotidiano

Docente: **Professora Doutora Maria Manuel Baptista**

Aluna: Maria Arminda Júlio Lopes – 52545

28 de Janeiro de 2011

Abstract: This paper will focus on the figure of Viriato, hero of our proto-nationalism, revisited by the literary creation in poetry, prose and drama, as well as in the reflection that his stamina, bravery and invictus character still possess today in sports, culture and in the identity of the city of Viseu, Viriato's city.

Keys Words: Myth; Viriato; Pré-nation; Quotidian; Viseu

Introdução

“O mito é o nada que é tudo
(...)
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.”

In *Mensagem*, de Fernando Pessoa

M. Eliade define mito do seguinte modo: “... o mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, no tempo fabuloso das origens.” (Grimal 2009: XIII)

Revisitar os mitos é refrescar a memória do que fomos e compreender quem somos.

Dada a recorrência do mito de Viriato no panorama cultural português de todos os tempos, parece-nos ser pertinente este estudo, procurando responder-se à questão: será Viriato apenas um mito da antemanhã?

Viriato, herói da proto-nacionalidade, continua presente não só na criação literária, surgindo como ‘motivo’ na poesia, em Camões n’*Os Lusíadas* e em Fernando Pessoa na *Mensagem*; no teatro, em *Viriato*, de Diogo Freitas do Amaral, no romance, em *A Voz dos Deuses*, de João Aguiar e outros, *Lusitanos no tempo de Viriato*, de João Inês Vaz, para referir apenas alguns exemplos, mas também a apropriação da força, da coragem, do carácter invictus do herói é feita quotidianamente, no desporto, na cultura local, na caracterização da identidade, pela cidade de Viseu, a cidade de Viriato.

Assim, pretendemos, numa primeira parte, apresentar a figura de Viriato, ligando-a a textos da fundação da nacionalidade, da nossa Proto-História, seguida da sua reactualização com contributos mais recentes no domínio da literatura.

Numa segunda parte, a partir de um conjunto de testemunhos de alunos de décimo primeiro ano de escolaridade e da nossa própria vivência quotidiana na cidade de Viseu, testemunharemos da contribuição do que de mítico Viriato encerra na construção de uma identidade local, aquilo que eventualmente permanece do mito original ou as alterações que nele foram incorporadas.

1. A Figura de Viriato na História

Viriato (179-139 a.c.), filho de Comínio, é retratado como homem de origem humilde, embora as opiniões não sejam consensuais e alguns defendam uma ascendência aristocrática, pastor nos Montes Hermínios, actual Serra da Estrela, que chega a chefe dos Lusitanos e “aparece desde a historiografia renascentista como um dos grandes símbolos peninsulares da resistência autóctone contra a ocupação romana” (Mattoso, 1992:215). Os Portugueses reivindicam para o seu território o lugar do nascimento e elevam-no ao estatuto de herói nacional. Vários são os contributos, ao longo dos tempos, para a mitificação da sua figura, ainda que nem sempre consentâneos com a verosimilhança dos factos. No entanto, já no séc.I a.c. os historiadores Posidónio e Diodoro se lhe referem como “um herói puro e justo, porque nasceu e viveu em ambientes selvagens, não corrompidos pela decadência que a civilização acarreta” (idem). Havendo muitas dúvidas sobre o verdadeiro local do seu nascimento e vivência é comumente aceite que, após o massacre levado a cabo por Sérvio Sulpício Galba, em 150 a.c., Viriato é eleito chefe militar dos Lusitanos que, graças ao bom conhecimento de toda a região bem como à sua capacidade de liderar e comandar os seus homens e especialmente pela sua astúcia, consegue, por várias vezes, vencer o imponente e numeroso exército romano, levando Serviliano e Roma a aceitarem as suas condições na assinatura de um tratado de paz, sendo mesmo distinguido com o título de *Amicus Populi Romani*, concedido por Roma que até então apelidava os Lusitanos de selvagens. O Senado Romano não honra o tratado de paz e o general romano Cipião, corrompendo três capitães lusitanos, consegue, à traição, que Viriato seja assassinado

durante o sono e assim os Romanos vencem os Lusitanos, ocupando o Império romano o extremo ocidental da então Hispânia.

2. A Figura de Viriato na Literatura

A figura deste proto-guerreiro, fundador de uma consciência de insubmissão aos invasores, defensor da independência territorial, surge recorrentemente na literatura nacional e vamos encontrá-la em “*os Lusíadas*”, o próprio nome da obra talvez em homenagem aos Lusitanos, como um pastor que se notabilizou pelo seu carácter corajoso e guerreiro “ Desta [Lusitânia] o Pastor que no seu nome/ Se vê que de homem forte os feitos teve, / Cuja fama ninguém virá que dome, / Pois a grande Roma não se atreve.” (Camões, 1984:108), só derrotado porque foi atraído “Este que vês, pastor já foi de gado; / Viriato sabemos que se chama, / Destro na lança mais que no cajado. / Injuriada tem de Roma a fama, / Vencedor invencível, afamado. / (...) / Com força, não; com manha vergonhosa/ A vida lhe tiraram,” (idem) a servir de modelo aos portugueses desmoralizados do tempo da escrita da obra de referência e exaltação do verdadeiro patriotismo português.

Nesta mesma linha de figura mitificada vamos encontrá-lo inserido em “*A Mensagem*”, de Fernando Pessoa, na primeira parte da obra, ligada ao nascimento, fundação e consolidação da nacionalidade. “Viriato” é o primeiro Símbolo do nosso “Brasão”, um dos sete castelos, isto é, uma das sete fortalezas que garantiram a nossa independência. Há uma progressão na apresentação do herói mítico como símbolo da alma lusitana: “raça, memória, nação, povo, Portugal,” (Pessoa, 2007:37) O ressurgimento de Portugal no presente da sua formação depende da lembrança do “instinto teu” (idem), de Viriato, que faz a alma, o sentimento e a obra nacionais: “ Se a alma que sente e faz conhece” (idem). Nesse passado/presente Viriato é metaforicamente a haste de uma árvore genealógica nacional. À semelhança dos Tempos vindouros em “O Encoberto”, este herói é um “confuso nada” (idem), por isso também um mito; uma luz, na “antemã da nossa madrugada” (idem), no dealbar da nossa existência enquanto nação. Confirma-se assim uma perspectiva cíclica do tempo, pois são os símbolos que se repetem, contrariamente aos factos. O discurso apresenta-se na primeira pessoa do plural e o interlocutor na segunda do singular, assumindo a

representatividade de todos nós, os portugueses contemporâneos, numa coloquialidade e proximidade com aquele que genealogicamente nos precede, aproximando-nos dele.

Segundo José Barbosa Machado, em *O Mito de Viriato na Literatura Portuguesa*, “o mito de Viriato insere-se na tradição de se acreditar que há uma relação de continuidade entre os Portugueses e os Lusitanos. Estes são considerados por etnólogos e historiadores um conjunto de povos mais ou menos homogêneos na língua e nos costumes que habitavam uma grande parte do território actual português quando os Romanos iniciaram a conquista da península.”

É este o ponto de partida para “*A Voz dos Deuses*” de João Aguiar (2007) que se apresenta sob a forma de romance histórico, destacando-se pela fidelidade histórica aos documentos antigos mas também à arqueologia e aos estudos etnográficos da época em que se insere a acção. A propósito desta obra diz António Quadros, no seu livro *A ideia de Portugal na Literatura dos últimos 100 anos* “Para uns, e será o caso de João Aguiar, o autor do romance *A Voz dos Deuses*, uma ficção histórica que narra as memórias de um companheiro de armas de Viriato – recomeçar passa pelo mergulho no passado, mergulho no fundo do mar da nossa memória colectiva, à procura dos próprios fundamentos do ser português através do ser lusitano, seu ancestral” (Quadros, 1989:247). Viriato surge como o genuíno modelo de herói não só pela bravura, mas também pela inteligência espiritual de que faz prova e que são criadoras de vida. João Aguiar consegue no seu romance “humanizar o paradigma – Viriato, integrá-lo no cenário real ou proximamente real da sua época, da sua cultura, do seu sistema de crenças e ideias, da psicologia do seu povo” (idem), humanizando “aquela fria / Luz que precede a madrugada” de Pessoa, colocando-o aos nossos olhos “muito humano, na galeria estatuária de uma história” (idem) onde às vezes é difícil distinguir os protagonistas ou heróis criadores e motores da história. “Agora, ele era o salvador da expedição lusitana, o vencedor de Vetúlio. Não houve debates, apenas uma aclamação espontânea. Ao fim da tarde, diante das aras levantadas em honra dos deuses da guerra, Viriato era consagrado e colocavam-lhe nos braços as vírias de ouro, símbolo do comando supremo. Cumpria-se, com estranha precisão, o significado antigo do seu nome – Viriato, “O que foi investido com as vírias” (Aguiar, 2007:181).

A este propósito, corrobora-se a visão do autor de *A Voz dos Deuses* com um pequeno trecho da bela prosa de Aquilino Ribeiro que, falando da ilustre figura de Viriato, seu conterrâneo discorre “O homem desenganado e resoluto que a tribo julgou

digno das vírias, chamasse-se como se chamasse, a partir da imposição não teve outro nome: Viriato. Viriato quer dizer, portanto, investido com as vírias, como um monarca pela graça de Deus. Decerto era a mais alta dignidade conferida por aquele povo, pastores honrados na tribo e piratas temíveis na terra alheia. Vírias eram grandes argolas de metal, tantas vezes de ouro, com que guarneciam o braço que segurava a espada ou que ornavam as pernas dos cavaleiros. Divisas do comando, com significação gradual talvez, representavam simultaneamente o emblema de um posto, um enfeite e ainda um amparo contra a lança e a espada.” (Ribeiro, 2008). Melhor descrição e definição do próprio nome Viriato não poderíamos encontrar!

Mas o passado não é aqui um fim em si mesmo. João Aguiar vai ao arcaico ontem recuperar uma promessa de futuro para os descrentes, desiludidos ou indiferentes portugueses de hoje: “é preciso recomeçar do ponto zero, regressar ao que de antematinal e corajoso Viriato um dia representou e se nos oferece como exemplo. João Aguiar deu-nos, a todos os que ainda acreditamos apesar de tudo num futuro português para Portugal, uma grande ajuda” (Quadros, 1989: 249). O próprio escritor, João Aguiar, disse aquando da apresentação do livro em Espanha: “Na memória colectiva portuguesa, Viriato é esse bravo pastor montanhês nascido na Serra da Estrela. Uma série de livros pretensiosamente eruditos contribuíram, no século passado, para consolidar o mito. Em *A Voz dos Deuses*, eu quis desmistificar a personagem e, curiosamente, a imagem que sai é mais poderosa. O mito português era reducionista: à luz da história, Viriato foi muito mais do que a lenda conservou dele. O folclore não nos dá uma ideia clara da projecção histórica de Viriato” (Aguiar, 2007:248), bem no seguimento do que ficionalmente havia consagrado.

Dez anos depois de ter editado pela primeira vez o romance *A Voz dos Deuses*, João Aguiar publica *A Hora de Sertório*. Viriato é também mencionado nesta obra e surge como uma espécie de figura tutelar. A memória do “general” que unira os lusitanos na luta contra as legiões de Roma e tinha morrido há mais de quarenta anos persiste nos corações dos guerreiros. Sertório pede a um seu oficial que vá à Lusitânia estudar como aqueles faziam a guerra pois deveriam empregar uma estratégia especial para resistirem às legiões romanas durante sete anos e com menos gente que elas.

Na mesma linha de pensamento, Diogo Freitas do Amaral publica em 2003 a peça de teatro *Viriato*, onde conta a história daquele que é referenciado na história portuguesa como o primeiro herói nacional. Na senda dos autores já aqui citados, é de

um Viriato que, antes de comandar os Lusitanos e derrotar as tropas romanas, foi um simples pastor e caçador que o dramaturgo faz eco. Pela boca de Viriato se resume o seu percurso glorioso, quando em conversa com Dilécia este diz “ - De miúdo a pastor, de pastor a guerreiro, de guerreiro a general e Cintux: não achas que andei e subi muito?” (Amaral, 2003: 29), mas é pela voz do inimigo, o Quarto-Senador, que o maior elogio à figura do Comandante é proferido “há três anos que os Lusitanos elegeram um grande general, que até hoje não sofreu uma derrota no campo de batalha e já venceu quatro dos nossos melhores militares. O homem é adorado por todos como um deus: e já o consideram infalível. Há que desfazer o mito!” (idem)

Não poderíamos terminar esta breve incursão pela literatura sem referir a visão de João Luís Inês Vaz, desde sempre um estudioso de Viriato e da projecção da sua figura na cultura e mentalidade portuguesas, particularmente no que à cidade de Viseu diz respeito.

Partilha da visão que os dois anteriores autores veiculam, considerando “ ...a verdadeira mitificação do herói lusitano (foi) feita pelos próprios romanos” (Vaz, 2009:174), descrevendo Viriato como “um homem desprendido das coisas materiais, um homem estóico, amante da liberdade e dos corajosos, dos que gostam da sua pátria...” (ibidem:178). Assim diz “Viriato foi, quer para os seus homens, quer para os Romanos um exemplo de lutador, de homem justo, um defensor permanente dos valores humanos e da igualdade entre todos, da paz e da liberdade por que lutou toda a vida e por que deu a própria vida” (ibidem:187).

É na ligação de Viriato a Viseu que nos vamos deter, a partir da obra em apreço. A memória de Viriato disputado por portugueses e espanhóis também o é por várias localidades dentro do nosso país. Não cabendo aqui fazer o historial de todas essas reivindicações, diremos apenas que Loriga, em Seia, Folgoso, em Gouveia, Lapa da Moura, em Cabanas de Viriato são algumas das que reivindicam ter sido berço e abrigo do herói lusitano. Várias são as obras de arte que o têm como ícone, desde a pintura à escultura e à música, pródigos são os exemplares. Há estátuas conhecidas de Viriato espalhadas por Espanha e Portugal, Zamora, Folgoso, Cabanas de Viriato, Vila Viçosa, Lisboa, no arco da Rua Augusta, ao lado de D. Nuno Álvares Pereira, Vasco da Gama e o Marquês de Pombal, os quatro maiores da nossa História, monumento encimado com a inscrição: “Às virtudes dos maiores, para que a todos sirva de documento”. Mas é em Viseu que encontramos a Cava, a partir do século XVII

chamada “Cava de Viriato” e o monumento mais conhecido e mais antigo da cidade também denominado de *Monumento a Viriato* em que o guerreiro aparece em posição de destaque sobre um alto pedestal de granito e, num plano inferior, em posição de emboscada, um grupo de guerreiros lusitanos com as suas falcatas. O herói é representado em posição de ataque, com o escudo redondo na mão esquerda e a falcata na mão direita, a perna esquerda dobrada e nua como quem sobe uma montanha. O rosto é de um homem entrado na idade, barbado e com cabelos compridos. Está descalço e nas costas tem um manto real de pele que cobre uma túnica curta. Os três companheiros de Viriato situados atrás, à direita exibem espadas e punhais.

Vários são os autores que associam Viseu a Viriato: “Em 1613, Manuel Botelho Ribeiro Pereira, um escritor local, (...) defende também que a Cava foi obra de Caio Negídio, o tal pretor romano que cercava os Lusitanos entrincheirados na Cava e que Viriato veio socorrer, obtendo uma vitória estrondosa, destroçando as tropas romanas. É esta a primeira vez que se faz a ligação de Viriato à Cava. Ribeiro Pereira defende ainda o nascimento de Viriato em Viseu, a cidade, como ele diz, fundada dentro dos muros da Cava.” (*idem*); outros testemunhos se seguirão, mas é consensual que a ligação entre Viriato e a Cava deve ter começado apenas no século XVII, quando Portugal atravessava uma grave crise e era necessário elevar o ânimo dos portugueses contra a perda da independência. Ao lado do mito sebastianista generaliza-se a História de Viriato e faz-se a sua ligação a uma povoação das mais importantes do Reino, várias vezes destruída por castelhanos e espanhóis, avivando assim a memória dos momentos gloriosos do passado. É portanto num contexto nacionalista que a ligação de Viriato à Cava e à cidade de Viseu tem de ser integrada e desde aí não mais a cidade, na memória popular, deixou de ser “ a cidade/pátria de Viriato e a Cava o campo entrincheirado deste lendário chefe lusitano.” (*Ibidem*:216)

3. A Figura de Viriato no Imaginário dos Jovens Viseenses

A amostra que respondeu ao nosso pedido é constituída por vinte e quatro alunos do décimo primeiro ano, do ano lectivo dois mil e dez dois mil e onze, da Escola Secundária Alves Martins, em Viseu, todos com dezasseis anos, catorze rapazes e dez raparigas, e foi desafiada a escrever, sem qualquer preparação prévia, o que o seu imaginário e conhecimento ditassem sobre a figura de Viriato.

Seguem-se as conclusões retiradas do corpus textual obtido.

A maioria dos alunos associa Viriato, de imediato, à sua faceta de guerreiro Lusitano, líder das forças lusas, estratega nato, lutador, destacando a sua força, coragem, lealdade e espírito destemido.

A sua astúcia militar “lutava com inteligência” é tida como influência positiva junto dos seus homens e a sua bravura completa o retrato, sendo mesmo apelidado de “revolucionário”, por um dos inquiridos. Mas o facto de um simples pastor ter chegado a general de um exército que enfrentou as legiões de Roma também cala forte no imaginário destes jovens viseenses.

Espírito Lusitano, patriotismo, figura de valentia e excelência, associados à imagem imortalizada do herói como símbolo da grandiosidade de Portugal também estão presentes.

Na vertente local, ligada à cidade de Viseu, Viriato é associado aos monumentos, a Cava de Viriato, a Estátua de Viriato, sempre na vertente bélica e simbólica e o estratega militar que usava as condições naturais do terreno para ganhar vantagem, mas também a gastronomia, com os tradicionais pastéis Viriato, em forma de V maiúsculo, de Viriato ou de Vitória, como sói dizer-se, recheado com uma fina camada de creme e polvilhado de açúcar em pó e coco, é referência dos inquiridos. Orgulho dos viseenses, ícone da cidade, também dá nome a equipas de futebol local, destacando-se neste caso a “agressividade” dos jogadores e o espírito de equipa, à imitação do seu patrono, bem como a lojas comerciais.

4. A Figura de Viriato na Vida Quotidiana da Cidade de Viseu

Da nossa própria vivência na cidade de Viseu, corroboramos esta ligação da cidade à figura de Viriato, desde logo na letra do Hino de Viseu “ Alvor do lusitano valor / Desse General pastor que se chamou Viriato.”, in Viseu, Senhora da Beira, canção dos finais do século XX que mostra ainda hoje a identificação das gentes de Viseu com o mito que continua a ser alimentado mesmo que a realidade nunca tenha sido provada.

Há equipas de Rugby, de futebol, clubes de caça e pesca, todos tendo como divisa a força, a coragem, procurando atingir a invencibilidade do herói a que fazem jus com o nome que adoptaram.

Nas mais variadas áreas e serviços, é nome de farmácia, de escola de condução, de clínica, de rua, de pastelaria, de ambulância, tudo se identifica com Viriato

Teatro Viriato, nome dado ao teatro da cidade ou Escola Secundária de Viriato, uma das três escolas secundárias de Viseu são apenas mais duas referências desta identificação quotidiana com aquele que continua a ser um mito na vida dos que habitam as terras que reivindicam ter-lhe servido de pátria ou de refúgio. O mito continua a alimentar a alma do povo viseense.

5. O mito de Viriato na contemporaneidade

A literatura plasma a imagem do herói lusitano, expoente máximo da luta pela defesa da pátria, que pela capacidade oratória consegue seguidores para a sua causa e pela estratégia militar vai sucessivamente iludindo o invasor e constitui a maior ameaça ao poder de Roma na península Ibérica. É, essencialmente, uma guerra pela liberdade, que, sob o estandarte do “Touro”, aglomera todas as facções e tribos, numa verdadeira aliança dos povos lusos contra os romanos, sob o comando unificador de Viriato.

Pese embora a extensão reduzida de alguns dos textos produzidos, prevalece no imaginário dos jovens viseenses, de que este grupo é amostra, a faceta da coragem, bravura, patriotismo, liderança, astúcia ligadas ao desempenho militar do “*General Pastor que se chamou Viriato*”, coincidindo assim com a visão que a literatura e a própria história transmitem. Esta aparente sintonia justifica-se plenamente, pois sendo estes alunos do ensino secundário, mesmo que viseenses, é exactamente através da Literatura e da História que mais eruditamente contactam com essa figura que a História liga ao tempo das guerras púnicas, contra os romanos, e a literatura mitifica, cristalizando essa sua aura heróica.

Assim constatamos como Viriato foi visto ao longo da história e da literatura, bem como no quotidiano da cidade de Viseu e como este mito não é um mito de hoje, nem de ontem mas mergulha nas próprias raízes medievais da Nação Portuguesa, sendo, portanto, um mito da antemã, mas é-o também do presente e do futuro certamente, pois continua presente em todas as faixas etárias e serve de inspiração às mais variadas áreas do saber e da cultura contemporâneas.

O estudo aqui apresentado é naturalmente limitado, pois o grandioso espólio do que sobre Viriato se publicou e estudou não se coaduna com a reduzida dimensão de um

artigo desta natureza, desejando-se pois que outros estudos sobre tão pertinente assunto se possam seguir.

Bibliografia

- AGUIAR, João (2007, ([28ª ed.]) *A Voz dos Deuses*, Porto, Edições Asa
- AGUIAR, João (1994) *A Hora de Sertório*, Porto, Edições Asa
- AMARAL, Diogo Freitas do (2003), *Viriato*, Chiado, Bertrand Editora
- CAMÕES, Luís de (1984) *Os Lusíadas*, (Estrofe 22 do Canto III e Estrofe 6 do Canto VIII), 1º Volume das Obras Completas, Círculo de Leitores
- GRIMAL, Pierre (2009) *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, (Coordenador da Edição Portuguesa Victor Jabouille) Lisboa, Difel : XIII
- MACHADO, José Barbosa (2010) *O mito de Viriato na Literatura Portuguesa*, Edições Vercial. [URL:http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial/viriato.htm](http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial/viriato.htm), último acesso a 4 de Janeiro de 2011
- MATTOSO, José (coordenador) e al. (1992) *História de Portugal*, 1º Volume, Círculo de Leitores: 215-217
- PESSOA, Fernando (2007) *Mensagem*, (Os Castelos – Segundo), Oficina do Livro
- QUADROS, António (1989) *A Ideia de Portugal na Literatura dos últimos 100 anos*, Lisboa, Fundação Lusíada
- RIBEIRO, Aquilino, (2008) *Viriato, Nosso Avô, in Príncipes de Portugal Suas Grandezas e Misérias*, Portugália Editores
- VAZ, João Inês (2009) *Lusitanos no Tempo de Viriato*, Lisboa, Ésquilo